

Os homens que vão decidir

Fotos de Gilberto Alves



Francisco Rezek, 45 anos, ministro do STF, é o presidente do Tribunal Superior Eleitoral. Cuidadoso, só assina documentos com tinta indelével francesa para impedir falsificações. Leitor de Tolstoi e Tchekov, nunca votou e só vai se decidir "no cair da noite do dia 14".



Antônio Vilas Boas Teixeira de Carvalho, 43 anos, mineiro, é o relator. Advogado da Telebrás, eleitor indeciso entre Freire e Covas, ofende-se com insinuações de estar sob a influência do ministro Antônio Carlos Magalhães, simpático a Collor: "Não lhe sou subordinado".



Octávio Gallotti, 59 anos, é filho e neto de ministros do Supremo Tribunal Federal, para o qual também foi nomeado em 1985. Em 1960 votou em Jânio Quadros e na última semana vem lendo cinco jornais por dia. "Meu marido é patriota e quer o bem do país", garante sua mulher, Iara.



Sidney Sanchez, 56 anos, no TSE desde 1984, parece tocado pela importância do momento histórico. Reza diariamente para votar certo, e guardou uma charge de Millôr Fernandes apelando aos "sete varões de Plutarco". Sente-se sob pressão da imprensa, mas quer julgar pelos autos.



Miguel Jeronymo Ferrante, 69 anos, vem do Superior Tribunal de Justiça, para o qual foi nomeado em 1980. Tem fama de matuto — nasceu em Xapuri, no Acre, cidade do líder seringueiro Chico Mendes — e conservador. Nas horas vagas pinta paisagens e escreve. Publicou três romances.



Romildo Bueno de Souza, 60 anos, é o corregedor-geral da eleição, encarregado portanto de velar pela sua lisura. Rigoroso, defendeu na fase de registro das candidaturas a exclusão de partidos sem registro definitivo, tirando da campanha siglas oportunistas. Foi voto vencido.



Roberto Rosas, 50 anos, advogado nomeado por Sarney para o TSE, cuidava da convocação de tropas federais para o dia 15 antes de ter a atenção concentrada em Silvío Santos. Leu e anotou todas as notícias sobre a candidatura, que tem detalhes inéditos na sua vida de juiz.